

«Lugares de Ausência» de Eva Díez

De 16 de Fevereiro a 20 de Abril de 2019

Galeria das Salgadeiras

UM VAZIO PLENO

“Os lugares são a geografia da solidão.”

Manuel António Pina

Voltemos ao útero, como se de uma analepse se tratasse. O útero, essa primeira casa que habitamos e vivemos, onde criamos relações, crescemos e sentimos o mundo exterior através de paredes. Em “Lugar de ausência”, Eva Díez (Vigo, 1982) não regressa no tempo a uma casa uterina, mas convoca-nos para um tempo e um espaço de recolhimento. Cria um receptáculo em espelho que, como a própria artista diz, “à semelhança do vazio, não contém nada e contém todo o universo.”

Este novo trabalho mantém uma forte relação com as séries anteriores, tendo como elemento nuclear a casa. Em “Renacer” (2015), Prémio Galego de Fotografia Contemporânea e com exposição em Portugal na Galeria das Salgadeiras em 2017, Eva Díez trabalha a casa com uma linguagem cinematográfica, abandonada, vazia, conferindo-lhe uma segunda vida através da luz que a volta a habitar. As casas renascem com a sua intervenção no espaço apenas com trabalho de iluminação e voltam a ter alma, ou será a ilusão de estarem habitadas? Na série “Los que habitan” (2014) recria casas provisórias em espaços desabitados para diversas espécies animais (camaleão, tartaruga, borboleta, suricata, periquito, entre outros), vivendo com eles, interagindo e ganhando a sua confiança para os poder retratar como se de humanos se tratassem.

Retomemos então “Lugar de Ausência” em que Eva Díez trabalha novamente a casa como conceito, desta vez utilizando um material com elevada carga simbólica - o espelho. Existem registos do espelho, não como o conhecemos nos nossos dias, desde o século V a.C. “Em peças de cerâmica antigas do século V a.C., vemos elegantes damas de Corinto que se miram em pequenos discos de metal polido, fixados num cabo ou num pé...” (História do Espelho, Sabine Malchior-Bonnet, Orfeu Negro, 2016). Ao longo da história, o espelho inspirou criações nas artes visuais, na literatura, na arquitectura, no cinema. Do Palácio de Versailles com os 357

espelhos na Galeria dos Espelhos criada em 1678 no reinado de Luís XIV, às fotografias da série “The mirror suitcase men” (2004) de Rui Calçada Bastos (Lisboa, 1971) ou às esculturas de José Pedro Croft (Porto, 1957) em Almourol no Parque de Escultura Contemporânea. Eva Díez também já tinha utilizado o espelho numa das imagens da série “Los que habitan”, a do periquito, onde pretende criar uma companhia para o animal retratado.

Em diversas civilizações acredita-se que o espelho leva a alma, mas em “Lugar de Ausência”, Eva Díez não leva nada, e, ao contrário, arriscaria dizer que partilha connosco a alma da artista e da pessoa. Há um espaço e um tempo próprios e há tempo para uma contemplação, para uma pausa, para suspender o tempo, essa raridade das sociedades contemporâneas. Pouco sabemos da sua geografia, tempo ou espaço, característica transversal nas três séries referidas. Sentimos um vazio pleno, o que parecendo antagónico, nos mostra como estas imagens estão cheias de simbolismo e refletem um voltar às origens, à natureza e ao tempo que é preciso dar ao tempo. As imagens fotográficas de “Lugar de ausência” remetem-nos também para a problemática filosófica do conceito de espaço: saber se ele é real e objectivo ou percebido enquanto construção mental das pessoas. Uma leitura possível, entre outras, em que o próprio reflexo do espelho não é real. Quando nos olhamos ao espelho, o olho direito passa a ser o esquerdo e vice-versa.

Entre o real e o imaginário, Eva Díez fez esta viagem e faz-nos viajar com ela, seja no tempo actual, seja parando o tempo e deixando o observador/espectador regressar às suas casas, simbólicas, físicas, imaginárias, uterinas.

Cláudio Garrudo

Lisboa, 27 de janeiro de 2019